



Visado pelo
Comissão de Censura

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO XII * N.º 308 * PREÇO 1\$08

Cristo Blasfemado

Velo nos jornais, 53 cetáceos arre messaram-se à praia de Melbourne. Os pescadores humanitários empurraram, repetidas vezes, um deles para o mar. E' o homem, salvando a vida do animal. Surgiu, um dia, a Associação Protectora dos Animais, para os defender da malvadez do homem, o mais feroz de todos eles. Sendo assim, pena foi não se procurasse, primeiro, defender a espécie humana da sua própria ferocidade! Pena não aparecesse uma Associação velando pelos direitos do Homem desde, o ventre materno até ao limiar da Eternidade. O homem preterindo a sua espécie para se dar a uma inferior! Ser humanitário para o animal e não o ser para o homem é uma inversão de valores, nascida da ignorância do Evangelho e da própria Filosofia, que só nos degrada. Clínicas e hospitais para cães, quando escasseia o pão para o homem e um leito para o doente, é um ultrage à Humanidade. E' ter perdido o senso comum. Neste caso, necessário se torna abrir mais manicórnios... Revolta ver o homem pistergado e o animal entronizado. Viu-se este e teima-se em não ver aquele.

E' ir pelas ilhas e por certos melos rurais. Quem se dói? São legiões os miseráveis. Vivem num mundo à parte, criado pelo nosso egoísmo. E' a monturizira. Passa-se na vida, de largo. Não se quer saber. Eles ofendem a Deus. Rasgam os Cólquios. Enchem as prisões. Eles... E' os culpados, continuamos em liberdade, instalados na vida. Mas a prostituta, o ébrio, o ladrão, são nossos irmãos! Que importa que degradados?! São irmãos desfigurados. A custo, os reconhecemos pela sua b. leza perdida. Cristo, a caminho do Calvário, não parecia o mesmo, de desfigurado. Só quem O amava O reconhecia. E, todavia, era, então, que precisava de Creneu. Assim os irmãos decaídos. Há-de ser o amor de Deus que nos há-de mostrar aquela beleza perdida.

A miséria é um es. andalo numa sociedade que se diz cristã. Cristo blasfemado. Cada viva. só, curável pela Justiça Social e pela Caridade. Optimo terreno sara s menteira de ideias avariadas de carácter social, político e religioso. Teimarmos em continuar a dormir, para, depois, acordarmos, mas já tarde? Ou passaremos à frente, sem nos comovermos? Comover-se perante o semelhante que sofre, ajudá-lo, minorar-lhe as suas dores é dar prova de sensibilidade de coração e de inteligência. E' ser humano. Mas o amor da espécie, que chega por si só, a fazer beneméritos da Humanidade quando tronfigurado pelos clarões divinos da Fé e da Caridade, atinge incomparáveis energias.

A Fé abre-nos clareiras de Vitória sobre a carne e o sangue. A nossa vida torna-se outra. Mais elevada. Sublime. O homem imagem e filho de Deus, irmão de Cristo. Membro do seu

Corpo Místico. Se o amor do homem ger. heroísmos, que fará o amor de Deus? A Caridade não conhece barreiras. Nada a detem, de impetuosa e irresistível que é.

O cristão que deixa de ver no Pobre, no Miserável, no Doente, Cristo entre nós, continuando a sua Paixão nos membros místicos, abdica da sua fé. Poderá alguém dormir, enquanto Ele agoniza a nosso lado? Por que não nos haveremos de dedicar à causa divina dos nossos irmãos? Mais que nunca, nesta Idade Social, temos de pôr em prática as Obras de Misericórdia. Temos de ser filhos da Igreja, que sempre foi a Mãe da Misericórdia.

Todos leram «Indústrias Caseiras» no último Famoso. Não se pedem doações. E' mais nobre pedir trabalho. Com ele virá o pão e acabará a miséria. A notícia de encomendas de lenços lisos (chales) começou. Andará pela ruas de Portugal, enquanto em Ordins houver casas de colmo e ordenados de 3\$00 (exalá fossem, ao menos diários!!!) e fome. Como não podia deixar de ser, vai um padre a falar. Os leitores não se demorem, por favor. Vem aí o inverno e com ele a maré cheia, a inundação de encomendas. Os preços são a 110\$, 90\$ e 60\$, segundo o tamanho. A cor à escolha. De lá, quentinhos, oh tentação! Já temos professoras e assistentes sociais, costureiras da Casa Gaiato e criadas de Santa Zita. Não-de aparecer, breve, religiosos e o mais que o Senhor nos mandar. A fama dos chales de Ordins chales sem fim, voará longe. Podem os 50.000 leitores do Famoso vê-los e encomendá-los na Casa da Sagrada Família, em Penafiel, na Casa do Gaiato, em Paço de Sousa, no Lar do Gaiato do Porto ou no Lar do Gaiato de Coimbra. Tem agora a palavra.

Padre Aires



São assim as quatro vivendas de Viana do Alentejo, que foram entregues no dia 27 do passado Novembro. Outras tantas no mesmo dia, foi em Portelo de Cambres. Outras tantas em Espozende, — e estamos no começo!

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Uma visitadora do Centro da Assistência Social de Figueira de Castelo Rodrigo, acaba de nos enviar um grande cheque de assinaturas cobradas, comunica que está angariando mais e finalmente a rainha das notícias: conseguir donativos para duas casas. Já temos alguns fundos. Mal acabei de ler fui ao mapa pesquisar e dei com a terra mesmo rentinho à Espanha. Vai-se daqui à Guarda por boa estrada e uma outra que de lá segue, não é tão boa, segundo a marcação do mapa, mas é caminho. Vale a pena tomá-lo para se ficar a conhecer o sítio e a gente de tão doce empreendimento. Duas casas do Património. Mais, diz a visitadora—logo que estejam construídas serão entregues ao pároco. Tudo muito certo. Ela deseja saber se eu estarei em casa quando me vier bater à porta pelos cinco contos da marca. Sim. Devo estar. Conto estar. Mesmo que aquele dinheiro não esteja, quero estar eu e dar o que me for possível. Não podemos deixar sozinho a visitadora. Faço até minhas suas palavras e seus anseios e aqui deixo recado aos assinantes daquela terra para que a ajudem.

E agora que estamos com a mão nesta qualidade de massa, porque não outras visitadoras de outros Centros? Uma em cada concelho. Ao menos uma em cada distrito. Não havendo uma coisa nem outra, ao menos mais uma em Portugal para que sejam duas. Afinal não são: nunca foram as multidões. O turbilhão faz barulho e mais nada. É a pessoa que realiza. Uma pessoa.

O pároco de Tondela informa que um seu paroquiano já começou a construir quatro casas. Os jornais dizem que um particular também já começou ou está prestes a começar uma dúzia delas em Moncorvo. Isto é o que nós sabemos, mas quem pode adivinhar o que está para sair do coração dos homens? É um segredo tal que eles mesmo, os que não-de dar amanhã, não sabem nem acreditam! Não sabemos se teria acontecido o mesmo em todas aquelas terras do Alentejo por onde há dias passámos: não sabe-

mos. Mas de uma delas, Aldeia Nova de S. Bento, soube-se que logo após a minha saída aparece alguém com doze contos e outro alguém com outro tanto e mais vinte e quatro contos e mais vinte e quatro contos. Por pouco o Pároco não perdeu os sentidos! Pergunta-se: quem jamais ali pensou em dar diaheiro e tanto para construir casas de Pobres? O primeiro espanto deve ter sido dos mesmos que deram! Segredo Divino.

A vila de Paredes anda-se a enfeitar e já começou com as primeiras das dez que se propõe construir. Estivemos hoje no lugar. É num cabeço a dois passos da estrada e muito perto da vila. Umas são geminadas outras são singulares, todas com o seu quintal. O pároco de Cete, ali perto, se ainda não, vai começar por estes dias com a primeira casa geminada. Um senhor da freguesia ofereceu o terreno preciso. Fica à beira do caminho quem vai para o Mosteiro.

Viana do Alentejo entregou as primeiras quatro no dia 27 do mês passado e está abrindo os alicerces de mais dez. Portelo de Cambres, ao pé de Lamego, entregou outras tantas no mesmo dia e tem alicerces para mais duas. Espozende, outras tantas. São lindíssimas, individuais. Mais fartas do que as primeiras três e ouvi dizer que as que se seguem ainda vão ser mais espaçosas. Um viva ao senhor Arcipreste de Espozende!

Pároco e Presidente da Câmara e mais povo de Seia, deram-se as mãos e com uma só vontade vão lançar a primeira pedra das primeiras quatro moradias que um particular oferece. Noutro dia, quando da entrega em Rio Maior, o Presidente da Câmara usou da palavra e disse que os munícipes mais necessitados devem ser os primeiros atendidos. Eu estava presente e ouvi aquela verdade que anda tão esquecida. Ao que vejo, o Presidente da Câmara de Seia tem os mesmos sentimentos. Deus faça bem a quem faz o bem. Loriga, perto de Seis, anda a trabalhar. O pároco da freguesia do Carvalhido, cidade do Porto, aproveitou com zelo e muita inteligência o terreno que a Câmara cedeu. Primeiramente oito e agora doze. Fica a sua paróquia muito enriquecida. Passei ontem por ali. Dentro em breve entra-se nos acabamentos. São dois blocos de seis moradias cada um. São residências para o casal ou duas pessoas idosas.

O pároco de Tertozendo é o primeiro. Antes que o «Património» fosse, já ele era. Agora mesmo acaba de fazer entrega de mais 14 casas e continua! Feliz povo. Felizes vicentinos que merecem um tal sacerdote. E aqui temos de como no dia 31 de Novembro havia 244 casas registadas em nossos livros, isto desde o primeiro de Janeiro do ano corrente, quando se duvidava se seria possível construir 100 delas! E não chegamos ainda ao fim do ano! Não nos espantemos se chegarmos às trezentas. Tem a palavra o Alentejo... Por Alentejo, tenho aqui uma carta do pároco de Viana do Alentejo. Ora queiram ler:

(Continua na quarta página)

AQUI, LISBOA!

Por
PADRE ADRIANO

A Casa de Setúbal pôs-nos à vista do Alentejo; o Lar de Alcácer abriu-nos as portas da vastidão. Ainda que na orla da provincia e dos seus problemas, vimos já o suficiente para avaliarmos a extensão e gravidade dos seus males.

Extensões enormes sem cultura — paraíso de coelhos e perdizes; mais latifúndios a perder de vista — sorvedouro de capitais que se esbanjam por essas capitais do mundo; legiões de subalimentados vencidos pela concorrência da máquina, e pela indiferença egoísta de quem se escusa criminosamente aos seus deveres sociais; finalmente contra-gedora ignorância e indiferença religiosa pela falta de operários da messe — campo aberto, portanto, a todos os erros, superstições e ideias subversivas. Se qualquer destes flagelos, só de per si, era suficiente para criar o mal-estar e sobressalto, que pensar quando todos se sobrepõem!

Voltam-se uns para a Igreja, esperando que lhes proteja as costas; voltam-se outros para o Estado como se fora um deus capaz de suprir todas as deficiências da vida social, familiar e individual. Para alguns a força ou a cadeia resolveriam tudo. Há até quem preconize a destruição total, para uma reforma total desde a ratz. Marrocos olha para o Alentejo... Cautela! Não há tempo a perder.

A Igreja tem três armas já em campo, mas que precisam de ser reforçadas: a verdade, a justiça e a caridade. Mas a verdade precisa de quem a propague. Se não houvesse fronteiras entre as dioceses, não escasseariam, nesta região, os operários que se acotovela em outras. A lei dos vasos comunicantes na Natureza e a Comunicação dos Santos no reino da Graça, deveriam ser norma também aqui.

Pelo mesmo motivo pedem pão os pequeninos e não há quem lho reparta. Perde-se, no vácuo, a força dos Sacramentos, como a energia do caudal que desce da montanha e se lança no mar, sem ser aproveitada. A messe é grande mas são poucos os operários. Rogai...

No campo da Caridade assistimos ao despertar dum longo e profundo sono. Obras que vegetavam, começam a viver. O Património dos Pobres está, por sua vez, a fazer um esforço de arranque admirável. Há donativos de cem contos e famílias cristãs que mandam construir à sua conta dez casas. Isto representa mão de obra que transforma em pão de muitos filhos, abrigo para muitos despejados, alegria para a alma cristã que vê mitigadas as suas dores. Mas não se julgue que o Património vem resolver todas as dificuldades, por distribuir ao Pobre umas migalhas. Está sempre de pé a Justiça Social. Aqui deve o Estado entrar em acção.

Bem fazem as Autoridades em promover uma campanha de altruismo, em investir capitais para atenuar a gravidade da situação, em se afligir com as nuvens que se adensam para além das fronteiras. Mais se deve afligir com o egoísmo dos próprios que criam o mal-estar social. É preciso apelar em primeiro lugar para a consciência de cada um, mas não duvide o Governo em tomar medidas sérias para a equitativa distribuição da riqueza. Os homens podem ter interesses criados, no mapa da distribuição das terras; mas Deus, Criador das terras e Pai de todos os homens, só vê os seus filhos para quem quer o pão de cada dia. Ele mesmo se encarregará de fustigar o egoísmo deste século, se, quem de direito, não estiver alerta, para defender os fracos, cujo clamor já chegou aos céus.

Que Deus e os homens abençoem, em primeiro lugar, aqueles que da sua herdade fazem uma família cristã, tratando a todos como filhos, por quem repartem carinho e educação com o pão de cada dia, através do trabalho garantido em toda a roda do ano. Sim, que Deus os abençoe!

Que Ele ilumine e fortaleça aqueles também que já se convenceram de terem sido maus administradores dos bens que Deus lhes confiou, de que abusam, do

superfluo que lhes não pertence, e querem salvar a sua alma.

Que para os restantes, a quem não comova a miséria dos infelizes, a quem o temor da Justiça Divina não afecta nem sequer o receio da vingança proveniente da miséria longamente recalçada para esse, digo: venha quanto antes a Lei, suave mas firme, justa mas compreensiva, maleável mas intransigente e imparcial, que ponha tudo e todos no seu lugar.

O direito de propriedade é tão natural ao homem e querido por Deus, como a saúde ou a vida, e portanto digno de todo o respeito e protecção.

O uso e administração da propriedade individual estão subordinados ao bem comum. Sempre que o abuso ou má administração, incompetência ou desinteresse do dono, redundarem em prejuizo para a economia nacional e o bem-estar social, o Estado tem obrigação, dentro da sua missão de velar pelo bem comum, de tomar todas as medidas para remediar o mal.

Baldios, queimadas, tapadas, coutadas (mesmo nos cofres dos bancos e caixas) que podem dar pão e apenas criam codornizes, estão sujeitos à maldição dos que as comeram, no tempo de Moisés. Já lá vai a época das tapadas reais. Não estamos no século dos faraós. O século presente não se conforma com situações privilegiadas. Para o Mestre nunca houve a aceção de pessoas. Os mais avarentos e hipócritas foram alvo das suas mais cerradas objurgatórias. *Vae vobis!* Excepção única para a virtude, pois essa merece todas as honras e louvores. Também só ela é moeda que vale perante Deus.

O Estado deve começar por dar o exemplo, repartindo equitativamente pelas famílias necessitadas e dignas de auxilio os bens que administra directamente, reservando somente aqueles que por sua natureza são de interesse colectivo. A maior riqueza da Nação, não são os valores congelados, mas a virtude das famílias, baseada na suficiência dos bens da terra e na paz que Deus dá aos homens de boa vontade.

COBERTORES

Não se p. de chamar abuso. É só uma vez por ano. Se o senhor estiver em casa e quiser, assim como nos outros, também neste de 55 iremos ao mesmo armazém de Gata com cinco contos na mão e trocamos aquela importância por cobertores. Papel por lá. E os sócios do dito armazém, se não tiverem mudado de opinião, dando os cobertores ao preço de custo, ainda por cima vão a um lote de chalets fora da moda e dão-nos uma data deles. Foi assim o ano passado. Sei de mulheres pobres que vão com eles à missa e à noite, cobrem os filhos na cama. Papel por lá.

Também de Loriga e de Castanheira de Pera e da Covilhã. Também do Perto, fábricas e armazéns. Caso fosse para guardar, dizia que não, mas é tudo distribuir. Ficamos à espera.

Como esta coluna é de agasalhos, saiba-se que aquelas senhoras inglesas de todos os anos, já este vieram com um grar de lote de agasalhos feitos em casa, variadas cores, tamanho e feitios. Fidelidade!

Ecoss do Atlântico

Por
PADRE ELIAS

Os meus olhos pecadores, nunca viram coisa igual. Já me tinham falado na Família da trincheira escura mas só esta sem na tive tempo de lá ir. O Rev. Pároco acompanhou-me a outros tugúrios onde os nossos irmãos sofrem a falta de tudo, e de propósito guardou aquela para o fim.

Fica a dois passos da cidade de Ponta Delgada e pertinho do mar.

Deixamos o carro na estrada nacional, descemos o atalho estreito e mal cuidado e chegamos.

A mãe de família estende farrapsos ao sol e saudamos: «Por favor não olhem para a miséria».

O meu companheiro, que conhece bem aqueles sitios, interna-se no buraco e pede-me que o acompanhe. Obedeço-lhe mas depois digo-lhe que não. Não posso ir. É um corredor, muito escuro, ingreme e escorregadio, por debaixo dum penhasco. O companheiro que se nos juntou no caminho e que conhece também aquela miséria, puxa do concededor e leva-me pela mão. A mulher ia contando os degraus com muito cuidado e carinho, um... dois... três.

Quando cheguei ao ventre da terra, já tinha os olhos acomodados ao escuro e pude ver o incível. Isto é inacreditável cá por terras da Atlântida.

Só a Igreja Católica tem coragem para lá ir e força para a trazer a público. Mais ninguém vai, que eles são os relegados e a aproximação é o desdouro. Mais ninguém diz, para se não inquietar, nem ser chamado à pedra. Só a Santa Igreja de Deus, porque só Ela é Mãe. Só Ela vai. Encontramos ali uma cama velha e o pai de família, com os rins varados, contorcendo-se com dores. Trapos velhos a um canto, onde a água, que verte do tecto, não chega, e um candeeiro sem petróleo, sobre uma pedra.

Pendente da parede, em lugar de honra, a imagem adorável do Sagrado Coração de Jesus, num caixilho estragado, presidindo. Os dois filhos, andam na pedincha das ruas como a própria mãe, informou.

Pergunto se ali vai algum visitador, semanalmente ou ao menos mensalmente e dizem-me que não. Deixo uma importância e retiro-me.

Já cá fora, os meus olhos cruzam-se com os do Pároco. Também os olhos falam, quando os lábios não podem articular. O meu companheiro diz-me que é o pior que tem na sua terra. Deve ser. Também eu nunca vi uma coisa assim. Eu já gritei uma vez, na imprensa local, por uma lei que regule a entrada das pessoas das freguesias na cidade. Elas propriamente não têm culpa porque na maioria dos casos foram enganadas e resolveram sem ponderação. Ouviram dizer que na cidade se não trabalha tanto e se vive melhor. Ficaram tresloucadas como borboletas em redor da chama, vieram, caíram e queimaram-se. O pai, depois de procurar trabalho sem o conseguir, perde a honestidade e rouba; a mãe ziguezazeja nas ruas, para ganhar o pão de qualquer forma; os filhos, habituados ao clima sadio das nossas terras, envenenam-se às portas das tabernas e dos cinemas. Estes filhos de hoje, terão outros filhos amanhã. Depois são as cadeias até à porta, os hospitais com falta de lugares, os sanatórios abarrotados de gente, os manicómios cheios. Tudo por falta duma coisa pequenina e de pouca importância. O trínco nas portas das cidades.

Só quem os busca, só quem os acha nos buracos, é que sabe e devia ser ouvido. Por outro lado, a nossa mocidade, está a apodrecer nos cinemas, mesmo depois da publicação da lei que regula a entrada de menores, naquelas casas.

No último período de trabalho da Assembleia Nacional, uma Voz do Atlântico disse, que há fitas que só estão bem pa a adultos com mais de cem anos.

Eu tenho que são quase todos, a avaliar pelos cartazes de propaganda, que nas esquinas das ruas, e nas páginas da imprensa, desafiavam a curiosidade e a inocência.

Quanto a mim, a taberna também deveria ser mais bem regulada. Abrir mais tarde e fechar mais cedo, conservar-se fechada em dias santificados, já que se não pode cerrar-lhes as portas para sempre.

O álcool continuaria com os seus estragos, mas já não seriam ouvidas as toadas, nem vistas as brigas e as cenas obscenas, por horas altas. As crianças não parariam no caminho a ver e a gostar.

Só sabe quem os ouve e quem os busca. Mais ninguém.

COBRANÇA

Recebemos de Rogério Pereira Afonso, da Companhia de Diamantes, uma lista dos assinantes de Dundo, com as cotas de cada um e ainda donativos de alguns. O cheque andava por 17 contos. Que pagasse a sua assinatura, tinha feito muito aquele nosso amigo, mas o ter-se proposto cobrar a de duzentos assinantes, é Devoção. Tanto mais que eu nem sequer o conheço. Não me parece que ele tenha visitado Peço de Sousa. É só de ouvir! As catástrofes aliciam. Onde quer que se saiba de uma, aí correm os homens; tantos mais quanto maior.

Ora um homem perdido é uma catástrofe social, que infelizmente se tornou coisa vulgar quanto à criança, por serem legões — mas é catástrofe! Por isso mesmo os homens acodem. Foi assim o Rogério. Assim têm feito outros no passado, no presente e espera-se que também no futuro São verdadeiras catástrofes sociais, sim. Como neste número se diz, aquelas senhoras dinamarquês que nos visitou, entre várias perguntas, quis saber como é que tantos rapazes vêm aqui dar, tendo eu respondido — alguns pelo seu pé.

Continuando a conversa e ao saber que não havendo lugar os mandamos embora, ela grita — *mas isso é uma catástrofe. Na Dinamarca seria impossível.* Pois aqui é possível. É vulgar. Eles aí vão avenida abaixo, da mesma forma que a subiram. Para onde? Catástrofe!

Ainda que quantias mais diminutas mas com idêntica Devoção, temos recebido e continuamos a receber listas de nomes pagos, que alguém do lugar recolhe e manda. É o Dundo na metrópole. Isto é consolador.

Mas há mais. São os senhores mal-las senhoras que tomam vor uma chega as nossas falas singelas do Cobrança e saem à rua, vão aos C. T. T., preenchem um vale e aí vem o dinheirinho. Tem acontecido. Não podemos dizer que estes meses são tão cheios como os do princípio do ano, quando é regra todos chegarem-se; não podemos dizer. Mas a verdade é que o título Cobrança tem sido furão em lura de coelhos... E a cobrança continua.

NOTA DA QUINZENA PELAS CASAS DO GAIATO

Recebi recado que tinham chegado uns senhores e estavam ao pé do cruceiro à minha espera. Desço. Eram dois carros ligeiros e uma data de pessoas à volta. Apresentaram-se, vicentinos de Valbom e seus amigos. Aqueles vinham tratar da construção de casas. Palavra puxa palavra. Compreendi que Valbom é uma freguesia do concelho de Gondomar. Digo das oito moradias implantadas em Val de Ferreiros, num cabeço rente à estrada. Digo mais que sendo ali Rio Tinto, é muita pena que a Câmara de Gondomar não acuda e urbanize. Disse e disse e disse. Calhou bem. Um dos presentes era justamente vereador! Ouviu. Pode relatar aos seus colegas. Vamos a ver.

Estando eu ainda em conversa, eis que um terceiro carro se aproxima, de onde sai uma senhora e um cavalheiro. Saíram e ficaram no mesmo sítio como quem deseja falar. Despeço-me dos vicentinos, que vão percorrer a aldeia na companhia de um cicerone e apromximo-me dos recém-chegados. Ela é dinamiquesa, ele é norueguês. Este reside no Porto há um ro de anos e ofereceu-se para acompanhar aqui a illustre visitante. A primeira coisa foi apresentar as suas credenciais. Não vinha em missão oficial, mas era oficialmente apresentada pelo seu país. Como sempre, quando assim é costume chamar um rapaz e desta vez não fugi à regra. Foi o Júlio. Eram três da tarde. Duas horas depois ainda o Júlio não se tinha cansado de mostrar e dizer, nem os visitantes, ao que parece, de ver e ouvir. Mas eram horas do chá. Eu tinha decidido oferecer um chá aos dois escandinavos e fui ao seu encontro para esse fim. A senhora vem munida de uma máquina fotográfica e um livro de apontamentos. Na varanda da casa mãe, eu observava. Em muitos sítios e por várias vezes, a visitante tirava vistas e escrevia. No momento em que me aproximo, estava ela embébeda no meio de uns trinta dos mais pequeninos, que empilhavam lenha rachada por detrás da casa três. Ela, que vem das sete partidas do mundo, parece ter achado uma coisa nova e não soube esconder o seu espanto! Os mais pequeninos, sobretudo, e am a sua enorme confusão. O Júlio tinha certamente explicado as normas da nossa casa. Teve duas horas para o fazer. Falou durante todos os minutos. Mas uma coisa é ouvir, outra é ver e outra é o sentir. Tinha visto e ouvido. Agora era o melhor, sentir. A minha presença foi-lhe ali necessária. Ela tornava-me responsável por tudo que estava vendo e queria que eu decifrasse tanta soma de beleza. Respondo que também não sabia como aquilo era feito. Só os artistas podem decifrar a sua obra, mas nada disto é meu. Não é obra minha. Não sei dizer.

Seguíamos agora pelos jardins fronteiriços. Há um lago. Plantas e flores. Um talude bordado. Patos na água. Colunas de granito que foram do antigo convento. O Antoninho, blusa azul e avental branco, diz-nos da porta da casa mãe que o chá está na mesa. Mais encanto para a visitante. Toma o livro de notas e escreve, escreve. Pergunta se não

há ninguém a tomar conta dos mais pequeninos e eu respondi que os chefes. Isto parece não a ter satisfeito e daí nova insistência: mais ninguém? Compreendi. Era uma mulher que perguntava. A mãe quer saber se aqui há mães! Todo o seu enlevo, a sua insistência, a sua curiosidade; tudo se resumia num estuante desejo.

Tínhamos entrado no pequenino refeitório onde o chá vai ser servido. Sobre a mesa, uma toalha de linho. Sobre esta, e pratos pequeninos, eram bolachas, torradas com manteiga e fatias de um bolo de fruta que ontem nos haviam oferecido. Um açucareiro, um bule, uma caneca de leite e outra de água fervente. E assim em Londres. No final, propus-me dar à nossa illustre hospeda uma grande certeza. Apresentei-lhe as três senhoras da casa, que são outras tantas mães. Depois do chá uma impressão melhor. A última é a que fica. Ela viu e conheceu. Hoje sabe e vai dizer para a sua terra que os abandonados de Portugal vivem em famílias e têm mãe!

No dia seguinte, veio do meu quarto em direcção à capela, e oiço um doce chilre. Foi ver. Eram os cinco infantes à rod da mãe a receber mimo e a dar meiguice, tal qual os filhos que têm a sua mãe. Eis aqui o fundamento. Fundamento da verdade que a nossa visitante vai espalhar na Dinamarca, entre os seus. Não se trata de palavras. Não temos aqui propaganda. Não se finge. A verdade é uma tal força, que mesmo sem ser vista comove as almas.

Isto é a Casa do Gaiato

*** O almocinho em casa do José Fernandes da Conceição foi uma festa. As colegas de oficina da sua mulher (costureira) sabendo precisamente do dia e da festa, e ainda porque algumas assinam o jornal, quiseram saber. Os colegas da oficina de José, (tipógrafo) também o cobriam de perguntas. E assim é que um almoço modesto nessa casinha pobre repercutiu palavras e sons no meio trabalhador da cidade do Porto!

** Dali dirigi meus passos a Lisboa, dizer adeus ao António Teles e Maria Luisa no Cais de Alcântara onde estava o paquete que os levou. Fui na terceira do rápido. Em vez de jantar da primeira série, foi uma bucha de pão e queijo com as maçãs por sobressela. Dantes não era assim. Nos tempos do «passo» erático de primeira. Mas nem por isso me dou por infeliz. Guindaram-me e eu deixei. Desceram-me e eu deixei.

*** Por alturas de Coimbra começo a arrear e pergunto ao condutor se as carruagens de primeira têm aquecimento. O homem responde que sim e que também o tem as de terceira, mas esta vai avariada, disse. Era para me mudar, sim, mas vi que não valia a pena. Metade do caminho estava percorrido. Chego-me mais para a capital e vou assim até Lisboa. No regresso fui mais cauteloso. Comprei primeira. Voltei aos meus tempos. Chego ao meio dia e eu digo que sim senhor. O empregado visivelmente satisfeito por me ver ali, manda-me sentar numa mesinha ao pé. Serve-me

PAÇO DE SOUSA Chegou a máquina de compor para a nossa tipografia. A composição era no primeiro andar, mas como a máquina é muito pesada contando com o resto não poderia aguentar-se. Passou para o rés do chão onde já se encontra a máquina que nos vai livrar dos apertos. Trabalhar mais rápido e melhor. Os tipógrafos estão todos contentes. Ninguém os atura. É uma alegria. A sua chegada foi saudada com uma dúzia de foguetes. Uns saíam. Outros riam. Não faltavam pirotécnicos. Toda esta gente estava satisfeita. Foi Américo, Sepadre Carlos, Júlio Mendes e o resto da «milita». Assistimos à montagem e às explicações do mestre Senhor Seixas que nos vai dizendo do seu funcionamento. Não faltam curiosos. Todos querem ver. Todos querem apalpar. Toda a minha gente quer fazer o gosto ao dedo. O trabalho do Mendes é pôr a andar o grande arraijal de gente que constantemente cerca a máquina.

—O Grupo Cénico está preparando mais uma festa para o Natal. Apresentamos o drama: O Filho Pródigo, em repetição, pois já o fizemos no dia de anos do Pai Américo e o Auto dos Pastores Brutos. Quem tem de aturar isto tudo e os ensaiados é o Sepadre Carlos.

—Cinquenta mil. A campanha tem de prosseguir. Toca a andar. Andar muito sempre para a frente. Não há tempo de olharmos para trás. Os cinquenta mil estão à porta. Só faltam seis. E os Senhores julgam que chegando a esta soma paramos? Nada disso. É um engano. Não descansaremos enquanto não tivermos livre acesso em todos os lares portugueses. Que na Metrópole, nossa África, estrangeiro. Onde esteja um português não pode faltar «O Gaiato». Ele é que tem de ser o guia. O Mestre da nossa vida. É escrito com o Sangue de Jesus, derramado ao longo da dolorosa caminhada do Calvário. Não seria por nós? Por nosso Amor? Já sabemos que sim. Estás de acordo comigo leitor? Só te peço uma coisa. Quando se faz um pedido é sempre a um amigo. Ajuda com teu esforço, mínimo que seja, a difundir «O Gaiato». É um serviço que prestas a ti mesmo.

—O nosso Grupo Desportivo está em muito boa forma. Ganhamos a todos os grupos que se nos têm oposto. Os nossos rapazes até estão convencidos que já não há melhor. Já se pensou em convidar o C. F. «Os Belenenses», o Porto e o Sporting. Já há quem diga que nós somos quase os melhores do mundo!...

—Teares a funcionar. Tecelões: Nicolau, Banana e Luís de Carvalho. O paço que sai da oficina de te-

celagem, já nos tem feito um jeitão! Toalhas, cortinas, lençóis.

—Entro na oficina. Estão Presidente e Banana. Cantam uma canção em voga. Os teares trabalham. Estão a produzir. A obra vê-se.

—Gostas de ser tecelão, Banana?

—Se assim não fosse, não tinha escolhido.

—E tu, Luís?

—Estou aqui há pouco tempo, mas gosto disto. Acho o funcionamento disto muito curioso.

—O Morris pára à beira do balneário. Abel ao volante. Abre a porta e sai. A malta: o que será e o que não será. Abel chama o Cândido Pereira. Uns Senhores da Foz mandaram-me trazer isto: aponta para o saco que vinha dentro da mala. Eram dois equipamentos, sendo um de treinos. São muito bonitos. Camisola vermelha e pretas, calções também pretos e meia preta e vermelha. As chuteiras também estão muito boas. Tudo isto pertencia ao antigo União da Foz Futebol Club.

A estes Senhores os nossos melhores agradecimentos.

Os cumprimentos de todos e em especial do amigo

DANIEL BORGES DA SILVA

TOJAL Conferência — Não tenho falado desta nossa actividade, mas quero agora registar os casos recentes. Por isso hoje sirvo-me das colunas do «Famoso», (Órgão da nossa propaganda) para assim desempenhar o meu cargo e ao mesmo tempo redigir algumas frases há tanto esquecidas. Quando dizemos bem dos nossos pobres queremos referir-nos não só ao bem material, mas também ao bem espiritual. Mas para que este venha, preciso é que comecemos por aquele, que se alimenta o corpo.

Urge penetrar nos segredos do Pobre, conduzi-lo ao caminho da vida e oração. É necessário que assim se lance esta campanha orientadora. É preciso pazguar a dor e o sofrimento. Quantas vezes os nossos pobres preferem antes receber uma palavra amiga, um bom conselho, ou terem com quem desabafar as suas desditas!... Isto digo eu porque o sinto. É isto que com a ajuda de Deus temos feito na nossa Conferência. A ela devo todas as minhas aspirações espirituais.

Amigos leitores, neste mês deveis atender a todas as Conferências e a todos os nossos irmãos pobres e socorrê-los generosamente. Lembremo-nos que como nós também o nosso semelhante quer festejar o Natal. Podemos socorrê-los com géneros, agasalhos e até dinheiro. Tudo isto aceitamos para o distribuirmos no dia de Natal de Jesus. Foi Ele quem disse aos homens que se amassem uns aos outros. É preciso que nós os socorramos com vestuários e alimentos, pois se não temos cama e outras coisas mais, lembremo-nos daqueles que nada têm. Quem tiver ou virde a oíça o meu apelo, e para a frente é que é o caminho. O pobre, quando é amparado materialmente, muda por completo a sua vida. Assim tem sucedido com alguns pobres que eu conheço.

O pobre de Pintúus que viveu num palheiro já deixou a taberna pois mora numa casa do Matrimónio e está tão contente que até um dia destes disse com toda a sua graça: a Casa é muito boa mas para lá chegar tenho que parar três vezes.

Andamos empenhados em trazer os nossos Pobres à missa do domingo, mas ficam muito desviados da Igreja: outros não se podem arrastar. Uma vez ou outra ainda o nosso carro os vai buscar, mas nem sempre está disponível. O nosso presidente falou em se arranjar um carro como há nos hospitais. Poderá ser? Não nos dizem como havemos de resolver este problema?

Mais um caso: É o pobre da Manjoeira. Foi o Senhor Padre Adriano que foi dar com ele a rasgar toda a espécie de roupa que tinha na cama (o que afinal não passava de um oleado, pois já tinha rasgado lençóis e tudo o que pertence a um leito. É o décimo caso da nossa Conferência. Quem o visita é o Marchal. Este confrade conta o seguinte: Fui visitar o meu pobre com três colegas e quando lá cheguei vi que o meu pobre tirou o colchão da sua cama e atando-o a um arame o puxou para o quintal. Uma vez aí toca a andar com ele à roda. Mas eis que apareceram os vizinhos e lhe perguntaram que estava a fazer. «Estou a gradar o milho que está quase a nascer».

Mais outro caso. Este teve uma carreira toda de sofrimento. Foi-lhe extraído várias vezes líquido. Sofreu como tantos sofreram, mas soube sofrer resignadamente como poucos. Deus recompensou-o já. Recebeu os Sacramentos. No dia 4 de Novembro Deus levou-o para junto de Si. A nossa Conferência

(Continua na última página)

Pergunta que vinho a sua café e se licor e se tabaco. Quando vem outro empregado de coife na mão a fazer a cobrança, chegado à minha beira, coloca sobre o meu prato um delicado cartão, onde se declara que o meu almocinho estava pago pelos empregados do Wagon Lits e assinavam todos! Já de uma vez, no foguete e à hora em que pedi uma bucha, fiquei espantado ao ouvir que os empregados tinham pago a despesa! Como esta classe humil de conhece as coisas e as sabe apreciar!

*** O senhor padre Carlos todos os dias me stringa por um pavão, ponhá lá um pavão no jornal. E' que nós temos duas pavões e elas na verdade vivem muito tristes. Não é por mim. Eu cá passo bem sem pavão, de tantos que tenho visto por esse mundo além... Mas por amor do senhor padre Carlos, a quem eu vejo quase tão triste como as pavões, mandem o pavão. Façam favor. E' para ele.

*** O senhor padre Aires, o do Fundo, quer em todo o modo que eu ponha na rua uma procissão para os seus chales, tendo chegado mesmo a dar-lhe o nome de bilhão e o mais que lá vinha. Mas eu cá não. Eu cortei. Basta as que já andam. Se fossemos a isso, estava eu primeiro com uma do tractor para Bire e uma formidável máquina que Júlio enviou para a tipografia — quinhentos contos! Contento se pois o senhor padre Aires que a gente dispense um cantinho do «Famoso» e faça publicar que já tem uma encomenda de doce

peças; e que alguém no Porto deu ditcheirinho de uma dos maiores ao senhor engenheiro com 10 escudos a mais para a reovagem; que Júlio resolveu encomendar os suficientes para todos os pobres da Conferência dos Rapazes da casa do gaiato; que um outro senhor já recebeu uma bucaquinha e vai pedir mais; e finalmente uma carta de um Seminário a do Porto a dizer — «fiquei impressionado com o artigo Indústrias Caseiras, do último gaiato e mando aqui 60\$00 para um chale dos mais pequeninos.» Ora isto é que é. Primeiro! As scaras estão loiras...!

Património dos Pobres

(Continuação de 1.ª página)

AGORA

«Recebi a sua carta-telegrama, com a linguagem bem expressiva dum cheque de 20 contos!... Muito e muito obrigado, em nome dos pobres de Viana do Alentejo.

No dia 27, foram entregues as 4 moradias; não houve música nem fogo. Só o calor das almas agradecidas à mistura com lágrimas. Presentes o Senhor Arcebispo, que falou no momento da entrega e muito povo desta terra. Ninguém foi trabalhar nesse domingo, só para assistirem à festa.

Há dias, deram-me um porco gordo para ser rifado, no primeiro de Janeiro. Já estão as rifas a correr e deve render pelo menos 5 contos!

No dia 18, dão-me uma sessão de cinema, e as Vicentinas andam a fazer a propaganda para a venda dos bilhetes. Nota muito simpática: muita gente deu coisas para as casas: camas, cobertores, enxergões, lençóis, loiça de cozinha, hortaliças, etc. Quando se inaugurarem as outras ainda há-de ser melhor.»

Notem bem esta carta. Estamos no Alentejo. O povo não guarda o domingo. Esqueceu a tradição. Não cumpre os mandamentos. Mas naquele domingo ninguém foi trabalhar. São as Casas do Património. É o amor do próximo. Por este e só por ele é que no Alentejo se virá a chegar ao amor de Deus. Notem, ainda, a rifa de cinco contos e muita gente a dar coisas e quando se inaugurarem as outras ainda há-de ser melhor. Ergo... Casas para a frente!

Podíamos encher o Gaiato com notícias desta natureza, mas isto que hoje dizemos é suficiente para encher de alegria a alma dos nossos leitores.

Os vicentinos não devem hesitar. Não tenham medo. Não desanimem se o primeiro a quem pedem lhes disser que não. Não desanimem ao segundo. Não desanimem se o terceiro. Não critiquem nem digam mal dos que não querem dar; basta-lhes a sua grande infelicidade. Rezem por eles. O que importa é chamar o mestre de obras, riscar o chão e começar. Não há hoje aldeia em Portugal onde a casa não seja o problema número um. Começa esta a subir. O povo começa a falir. É uma coisa nova na terra. Depois de telhada vem a curiosidade de quem será; e apenas o escolhido toma conta, aí vem a bênção de Deus. A nova família tem outro significado. Outro valor. Põe as mãos. Reza. E aí temos nós mais casas. Os que não quiseram dar para esta começam agora a inquietar-se e dão para a segunda. Segredo Divino! Os vicentinos não devem hesitar. A missão das casas está-lhes confiada. Eu fizo a pedir a Deus que lhes roube a paz, lhes tire o sono e os faça perder o tino, até que na sua zona não haja homens a viver tal qual os animais.

Os moradores de Miragaia colocaram um candieiro em frente do painel do portão, que representa Jesus entre os aleijados. Dentro do candieiro, uma lâmpada de 15 velas que um dos moradores, o mais rente à porta, acende quando vem a noite e apaga quando chega o dia. Este mesmo, no fim do mês, vai fazer a cobrança da despesa pelos 28 moradores. Desta sorte, uma luz quase mortífera, é ponto de ligação de almas entre si. É a paz. Porquê? Porque alumia a Imagem de Jesus de Nazaré.

Não me tenho que não dê notícias, à maneira que as vamos recebendo, sem termos de enfiar os leitores. Elas são uma palavra nova. É o Eterno no tempo. Neste momento recebeu-se um telegrama:

«Dia Imaculada Conceição inauguração festiva Casas Património Vila Moreira tudo resultou generoso brilhante Presidente Câmara Comissão Povo Pároco envia saudações.»

Note-se o resultado generoso e brilhante. O Presidente da Câmara. A Comissão. Povo. O pároco. Casas tão pequeninas para remediar os incognoscíveis, parece que se deveria passar como se nada fosse — e ainda hoje é tudo. Telegramas. A Emissora Nacional a fazer estas casas do dia. O povo com a sua presença generosa.

O que se diz. O que se chora. O que se sente. O Eterno no tempo!

A placa Casa de Santa Isabel, fica em S. Martinho do Campo, ao encruzamento da estrada que diz para Paços de Ferreira. Duas placas — Casa de Santa Cruz e Casa de um Casal Feliz, pedimos já lugar para elas e o pároco do Carvalhido concerteza não vai contra. Ele está nos acabamentos de mais doze, ao pé de oito que em tempos foram entregues.

Outras placas estão à espera da casa à beira da estrada nacional, para que o viajante veja e acredite na Vida Eterna, uma vez que o mundo e os homens nada nos dizem dela. A dois passos da formosa Coimbra temos um extenso terreno que alguém nos ofereceu e contamos que seja ali. Monumentos que falam à alma!

NOTÍCIAS DA CONFERÊNCIA da nossa aldeia

Da Senhora A. F. do Porto os costumados 20\$00. Um postal de Alquerubim diz: «Aí vão os 20\$00 para a Conferência. Gostaria que neste mês de Dezembro fosse mais alguma coisa, vamos a ver.» Estas mensuralidades demonstram uma persistência que obriga, a trabalharmos melhor e com mais devoção pela causa dos Pobres. M. Glória envia 50\$00 para valer a qualquer necessidade e o Senhor Padre Carlos despachou para a Conferência. Atencão Lourenço Marques: Senhor Zé dos Pobres; inteiramente de acordo com a sua mágoa. Seguiu carta pelo correio aéreo. Ela diz tudo. Obrigado por se ter lembrado dos nossos pobres com o excedente (20\$00) dos pagamentos efectuados. Que Deus o ajude na sua cruzada tão cristã. Mais um remanescente. É o assinante 14.703, com 20\$00. Emília Fernandes: não há dúvida que recebemos tudo e a sua quantia (15\$00) aqui vai com os nossos agradecimentos. Assinante 3.678, 5\$00. Atencão Caldeias: Vamos expedir, dirigido ao Pároco da freguesia — um Amigo dos Pobres — 30\$00 para o César Augusto, simpático engraxador das Termas, oferta dum admirador da nossa obra. Abílio Gouveia, 50\$00. João Carrasco, de Portalegre 10\$00, remanescente dum pagamento à Tipografia. Mais Alentejo: José Nascimento Cordeiro, Évora, 40\$00. O nosso amigo José Miranda Júnior, de Guimarães, manda 40\$00 e pede que dois pobres rezem um Pai Nosso por duas intenções. Na primeira ronda cumpriremos a sua pretensão. Alfredo Pedro de Sousa, do Porto; sim senhor, recebemos 50\$00. Muito obrigado. Prof. Luís Viegas de Póvoa de Cervães, 20\$00. Maria Torres Mota, 30\$00. E já a cortar o fio de chegada mais uma carta. Atencão:

«Hoje, antes de jantar, já sentada à mesa peguei no Gaiato e li nas Notícias da Conferência da nossa aldeia, isto: «Estou práqui que me não posso mexer» e tu acrescentaste: a doença, a fome; flagelos do pobre. Nesse momento eu senti a dor do pobre e a vossa dor, a vossa em não poderdes matar a fome a tantos infelizes; mas também senti a vossa alegria em estardes mais em contacto com o próprio Cristo, o Cristo dos enfermos, e Cristo dos famintos. Continuai na vossa senda em

Uma senhora do Porto fez entrega de doze contos ao Carlos Veloso. Não sei como foi. Não sei onde nasceu e a. Soberbo que aquela soma se destina à construção de uma casa. O Carlos Veloso é um gaiato que já há muito se casa e vive sobre si. O que ele ganha por mês não chega, apesar de abono se o mais, tão pouco ao salário! Para que este rapaz não viesse a cair na miséria, tivemos de comprar uma máquina de costura para o braço da mulher o ajudar. Não em seguida mão. Não houve prestações. Foi nova e a pronto. São assim os homens que sentem e fazem suas as dificuldades dos homens. Estão sempre munidos. Lidam com grandes somas. Têm crédito. Chegam a toda a parte. O Carlos Veloso hoje vive um nadinho melhor, mas ainda não tem o preciso e contudo recebe a quantia e vai entregar imediatamente à senhora do Lar. Tanta fidelidade devia ser reconhecida e assistida por quem tem obrigação de pagar o jornal a quem trabalha. Ontem mesmo esteve aqui um outro gaiato, hoje casado, a viver sobre si, que também está longe de ganhar o que precisa para a sua honesta sustentação. Nós suprimo, mas a injustiça fica. Tanto mais grave quanto é certo que ambos trabalham em Organismos do Estado! Tudo isto vai na precisão. Um senhor de Lisboa entrega a mesma quantia; gostaria que a casa fosse chamada das três Marias e situada perto do Rossio. Quer dizer: vivendo ele em Lisboa, deseja ver em Lisboa a casa da sua devoção. São dore contos. Nós sabemos pelos jornais que a Câmara de Lisboa atema em não consentir que se ergam dentro da cidade casas do Património dos Pobres; sendo certo que hoje existe ali boa vontade e muito dinheiro para as fazer, parece que está em causa a fisionomia da cidade. Ora senão as Câmaras uma extensão do Governo, todas elas devem sentir com o Governo Sabe-se da grande devoção ia até a dizer de grande inquietação do Terreiro do L'ço acerca do problema de construção de casas para as classes pobres e indigentes. Tudo e todos, menos a Câmara de Lisboa. Também isto vai na precisão. Ao lado desta telegrafia vai uma senhora nada e criada em Lisboa com um cheque de seis contos. Ela não diz mas concerteza daria outros seis se soubesse que a casa

visitar o pobre, porque até que estiver um pobre, um faminto sobre a terra está a Caridade, está Cristo.

Seguem 0\$00 para dardes a esse mesmo pobre. Foram-me entregues por uma das minhas irmãs para eu dar a um dos meus pobres, eu por minha vez envio-os para ti, dá-os tu, tem tu essa alegria.

Agora peço eu, queria que vocês, os mais pequenitos rezassem uma Ave-Maria pela minha irmã, para que o Senhor penetre na sua alma, para que ela receba com amor a palavra do Mestre — também ela é pobre, em espírito e matéria.»

Júlio Mendes

na vida a ser construída e habitada por um pobre da terra onde nasceu. A gente não quer casas na Baixa. Não espera vê-las nas chamadas zonas de categoria. Deixamos livres os parques e os jardins. Mas Lisboa tem negas e cabeços como a cidade do Porto. É ver como esta Câmara tem sabido aproveitar com tanta piedade os terrenos perdidos e hoje achado e ao serviço dos municípios que as merecem. Quantas famílias felizes em seus abrigos decentes! É que dizer das muitas que vão ver e gozar! Paranhos, Ramalde, Carvalhido, Salgueiros, Miragaia. Negas e cabeços a enriquecer a cidade já de si tão bela e tão rica! Mas Lisboa não. Vai aqui um senhor com mil escudos ou sua última prestação. Sim senhor pode ser feita em Coimbra. Vai-se começar ali dentro em breve um pequeno aglomerado deles. Já os em outras dentro da cidade. Um senhor de Lisboa vai com 100\$ na mão. É um do Porto leva igual quantia. É um estudante. Torna *Uma mulher de Palmeira com 200\$*. É valreco-lher a precisão.

CALVÁRIO

Já temos paramentos vermelhos, um de damasco e outro de veludo. Também alguns retalhos do mesmo material. Falta-nos o branco, o preto, o verde. Quanto a linho, estamos servidos.

Uma Flaviense do Porto entrega 70\$. O António de Viseu fala com 20\$. Abrantes chama-lhe obra incomparável e manda um vale da importância de 2.300\$. O Porto, sem nada lhe chamar, muito lhe quer e dá 1.000\$. *A minha mulher deseja oferecer uma cama completa para um canceroso* diz o mesmo senhor. Sim, mas fica para mais tarde. Por enquanto não. É preciso saber-se que este mesmo senhor tem assinatura permanente em todas as obras da *Obra da Rua*. Ou ele não fosse do Porto! *A minha mãe quer carregar-me de enviar 50\$*. É da rua do Rosário. Que sublime expressão! Sim. No matrimónio, o homem é metade e a mulher outra metade. Mais 60\$ do Porto. Mais 50\$ idem. Mais esta carta:

«Junto envio-lhe 50\$ que gostaria que fossem para ajudar a construir o Calvário e vou explicar porquê.

Completei o curso de medicina há um mês, e estes 50\$ são o produto da primeira consulta que fiz; não sei o que serei no futuro, ou sequer se terei possibilidades de ganhar muito mais, mas para já gostaria que estes ajudassem a construir o Calvário, porque pela minha passagem pelos hospitais vi o suficiente.

As palavras como sempre, são insuficientes para o que se quer exprimir.

Que Deus permita levar o Calvário a bom termo rapidamente.»

PELAS CASAS DO GAIATO — Cont. terceiro página

cia esteve representada por quatro vicentinas.

Esteve de gala a Manjoieira com mais uma casa do Património dos Pobres. E em Pintúus foi entregue a terceira casa a uma família numerosa.

Para terminar devo dizer que já contamos com a ajuda de todos os amigos. ATENÇÃO ao Natal dos Pobres!

Eu tudo agradeço em nome dos vicentinos.

João de Deus M. Rocha